



PERFIL

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Em primeiro lugar, quero agradecer em nome do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília pela sua atenção e disponibilidade em nos conceder essa entrevista. Você mora em Brasília há muitos anos e muita coisa mudou desde os anos 70 para cá. Você reconhece hoje uma identidade brasiliense? Você se considera um brasiliense?

NICOLAS BEHR:

Brasília é nova demais em termos históricos. Essa identidade começa a ser construída de uma forma cotidiana que vai levar séculos. Hoje nós temos no Brasil identidades que viraram estereótipos, um problema. O mineiro é aquele calado para dentro, o paulista, trabalhador, o carioca, malandro... Mas que Brasília é uma cidade nova instigante, ela é, e que algo novo vai se ver daqui, vai. É uma cidade nova, que vai gerar uma coisa nova, uma identidade cultural. O que a gente já sabe, que é muito obvio, é o caldeirão, uma grande mistura e é mistura boa, pois aqui tem

ENTREVISTA POETA NICOLAS BEHR
Carolina Borges | Yara Regina

gente do Brasil todo, do mundo inteiro. Então isso é uma coisa muito visível, são muitas informações cruzadas, muitas associações que você pode fazer.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

O plano piloto tem um desenho marcado por uma geometria, grandes espaços vazios, uma setorização das funções, etc. Você acha que essa configuração torna a cidade mais fria, pouco espontânea e que distancia as pessoas, como muitos acusam?

NICOLAS BEHR:

Tem um poeminha meu, que diz assim: “se Brasília é uma cidade fria, eu não sou”. Brasília é um experimento, nós somos cobaias de um experimento modernista, fruto da cabeça, principalmente, do Corbusier: “aqui você vai trabalhar, aqui você vai estudar, aqui você vai se divertir”. Isso eu acho instigante, pois nós estamos dentro de um grande laboratório. O Plano Piloto, as super-quadras, que tem coisas positivas e negativas, como toda experiência. Mas eu tenho andado nas cidades satélites e vejo que a interação humana é muito maior que no plano piloto. A baixa densidade populacional no plano piloto fez com que as pessoas se desagregassem, apesar de ter uma qualidade de vida. Você pode ver a questão da qualidade de vida como sendo o relacionamento entre as pessoas, não só como a questão financeira. As pessoas podem viver materialmente melhor aqui no plano, mas às vezes penso que emocionalmente, se vive

melhor na cidade satélite, onde se conhece tudo, se visita tudo. Eu me orgulho de ser um cara que sempre morou no Plano e sei andar pelo DF, sei chegar, sei onde estou, e isso falta um pouco no brasiliense, pois as pessoas quase não saem da sua zona de conforto. O corpo é o todo, mas a alma de Brasília também pulsa. Aí é claro, as coisas repercutem mais no plano, onde estão as mídias. Mas onde as coisas acontecem, é nesse cinturão de Cidades Satélites. Mas eu morei em super-quadras muitos anos, moro em uma casa agora, mas não acharia ruim morar em uma cidade satélite como Taguatinga. Uma vez me falaram: “eu quero ver gente em Brasília”, eu pensei: “vou levar para rodoviária?” Não! eu levei para Praça do Bicalho em Taguatinga, no bar do Mané, Rei da Codorna. Se o traço uniu ou não... o traço não tem esse poder. As coisas acontecem meio que a revelia do traço.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Com relação aos vazios urbanos e o diálogo entre arte e cidade, você acha que poderíamos ocupar melhor os espaços vazios do plano piloto? Com intervenções artísticas temporárias, talvez? Ou não, deixa como está porque faz parte de uma composição de um traço?

NICOLAS BEHR:

Deixa como está, pois é a escala bucólica de Lúcio Costa. Brasília é um símbolo que deve ser protegido, pois um dia o brasileiro ainda vai redescobrir Brasília e ver o que

Brasília significou em termos de conquistas brasileiras. Uma coisa que eu deveria ter dito desde o começo, que eu sempre falo, Brasília é a maior conquista do brasileiro. O brasileiro não fez nada tão grandioso quanto Brasília. Eu sou muito militante por Brasília, pois no final dos anos 50, Brasília realmente foi uma coisa que o mundo se espantou. Então esses espaços, eu acho que tem que estar desocupados. Claro que o cuidado do planejamento do plano piloto foi muito maior do que nas cidades satélites, pois lá na cidade satélite havia uma urgência que atropelou o planejamento. As demandas por moradias eram tão grandes que não houve tempo e tanto interesse em fazer esse planejamento, pois a pressão humana era muito maior que qualquer capacidade do Estado de planejar. Os planejadores de Brasília foram surpreendidos, pois eles achavam que os trabalhadores que viessem pra cá, os candangos, um terço iria voltar para São Paulo, um terço voltaria para o Nordeste ou para o Goiás ou de sua região de origem e um terço ficaria em Brasília. Mas não, todos ficaram. Então essas cidades satélites estavam planejadas para serem construídas dez anos depois da inauguração, mas foram construídas dois anos antes. Mas essa questão do adensamento populacional nas cidades das regiões administrativas às vezes tem seu lado positivo. Eu vi uma rua em Taguatinga que os caras fecharam para jogar bete, fazer festa junina. Aqui no plano tem festa junina também, mas lá a interação é bem maior.

Lúcio Costa avaliou o plano, que é sim-

ples, mas o simples é o complexo resolvido, a simplicidade do traçado. Mas o problema todo é a questão da escala humana. O que assusta as pessoas em Brasília, é você estar muito pequeno. Mas às vezes ele queria isso, a escala monumental, e a escala humana talvez não tivesse interesse, o que já existe muito nas Cidades Satélites, pois lá não existe essa coisa monumental. Mas a Praça dos Três Poderes é a Praça Maior de Brasília, é um fruto de várias influências e confluências, que eu gosto e acho bonita. É monumental e o que é monumental é para ser monumental mesmo, tem sua função, é para ser impactante. É como Lúcio Costa falou: “Eu não quero fazer uma cidadezinha qualquer, quero fazer a capital de um país”. Isso foi muito importante pois elevou muito a auto-estima do brasileiro e mostrou uma capacidade criativa de realização que o brasileiro nem desconfiava que tinha. A ousadia de Brasília. JK foi um homem muito ousado, além de ser louco, um pouco megalomaniaco, mas muito visionário. JK foi o homem certo, no lugar certo e o momento era certo, pois Brasília é o fruto de um Brasil democrático que deu uma respirada entre a ditadura de Vargas e a ditadura militar. Brasília foi realmente aquele momento único, e tinha que ter JK, ele foi a figura central aglutinadora de tudo, com aquele entusiasmo e a fé. Sou fã de JK.

“Uma coisa que eu deveria ter dito desde o começo, que eu sempre falo, Brasília é a maior conquista do brasileiro.”

Nicolas Behr

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Pelo fato de você ser um poeta, imagino que sua visão sobre a cidade, sobre arquitetura, tem muito a ver com aquela ideia de se ler a arquitetura como um texto. Tem um pouco disso?

NICOLAS BEHR:

Tem um poeminha meu que é assim: “ler a cidade a pé, mas de dentro de um carro”. É questão da alma da cidade, arquitetura, pois não é só engenharia, tem arquitetura que dá alma para a engenharia, e o Brasil tem muita alma. Tem uma coisa que é polêmica (me disseram para não dizer isso) mas que antes de Brasília, a arquitetura moderna era feia, era bloqueada. Porque que Brasília é esse sucesso em termos estéticos? Pois é possível fazer uma arquitetura moderna leve usando água, por exemplo, e os traços leves, aquela coisa dos edifícios suspensos, o Palácio do Planalto usando vidro, água em torno do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty, eu acho que Brasília tem o seu lugar. Uma coisa que acontece demais é a má vontade do mundo em relação a Brasília. Muitos repórteres da Suíça, da Polônia, dos Estados Unidos me perguntam sobre Brasília, e a pauta é o fracasso da cidade. E eu pergunto “há quantos dias você está aqui?” e eles respondem: “Cheguei antes de ontem”. E eu falo: “estou há 43 anos aqui, agora você vai me ouvir”. Porque Brasília não foi construída nos Estados Unidos e na Europa nem no Japão, foi no nosso cerradinho, por um povo agricultor, semi-alfabetizado, os candangos eram

agricultores semi-alfabetizados, que construíram essa cidade em 3 anos. Isso é uma coisa que o Brasil um dia ainda vai recuperar, está sendo recuperada aos poucos, mas ainda falta muito. A arquitetura tem o seu lugar na minha poesia, mas mais do que a arquitetura, é o poder. Brasília para um poeta é uma maravilha, porque ela é tão racional, a cidade mais racional de todas. E logo no país do jeitinho, foi feita uma cidade tão racional. É uma contradição né? E viva a contradição! Então essa racionalidade de Brasília proporciona muito a associação irracional, pois a poesia é racional, mas ela é irracional também. Ela é caótica. A criação não se pode enquadrar. A criação não tem regras, então essa racionalidade de Brasília, essas siglas, sul, norte, brincar com isso e subverter isso, eu descobri cedo e fui investindo. Eu fiz sete livros sobre Brasília e virou minha obsessão poética, pois todo poeta tem uma obsessão. Ou é a mulher amada, ou é a morte – a morte é muito importante – a pátria. Eu escolhi Brasília e acabei me auto-rotulando e me autolimitando, mas eu fiz já um livro de poesia erótica, fiz um outro sobre minha infância, estou fazendo outro de poesia erótica para fugir um pouco desse rótulo. Mas Brasília é instigante, é uma cidade difícil. É engraçado, quando a pessoa chega aqui, tem as várias fases. Primeiro vem o ódio, depois vem o estranhamento, depois vem a aceitação, aí depois vem o encanto, e depois vem a paixão. Eu estou nessa da paixão, pois a paixão é uma mistura de amor e ódio. Quando cheguei, achei estranho demais! Eu cheguei com quatorze ou quinze

anos. Moleque de rua, vim com os pais de Cuiabá, e eu falei: “Meu Deus, essa cidade!”. Eu vim de uma cidade orgânica para essa cidade artificial, pois pode-se dizer que era artificial. Brasília hoje tem essa coisa mais orgânica, natural. Mas eu saí do mato pra cair em uma maquete, pois era uma maquete, e fui para as 400s da Asa sul, sempre fui um garoto classe média das 400s da asa sul. Lá que eu tive a fase mais criativa da minha vida, eu acho.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Você escreveu um texto sobre Brasília como sendo uma cidade utópica – a Braxília.

NICOLAS BEHR:

10

Eu criei uma cidade chamada Braxília. O problema todo se resume em uma palavra, poder. As pessoas associam Brasília com poder, e não associam Londres com capital, nem Paris com capital, nem Lisboa com capital, pois a cidade foi criada com o objetivo de ser sede do poder, e a nossa ideia que é uma tentativa de buscar uma identidade, a eterna busca de uma identidade de Brasília vai ser uma tentativa de dissociar Brasília com a ideia de poder. A primeira fagulha dessa ideia, que teve repercussão nacional, foi o rock. Eu acho que o Renato Russo e as bandas daqui tem um rock de qualidade, intenso. No imaginário brasileiro, no inconsciente coletivo do brasileiro, Brasília tem ligação com o poder. Eu fiz uma camiseta que diz “Sou de Brasília, mas juro que sou inocente”. Já esta sendo pirateada, tudo bem,

deixa piratear, eu vejo na rua os caras e penso “poxa, tirou meu nome”. Caiu no gosto popular, mas tudo bem, essa é a glória. Mas então, essa questão de associar, quando se fala “eu vou a Paris”, você pensa na torre Eiffel, na Champs-Élysées, no Louvre. E Brasília tem essa ideia de poder, e vai demorar para perder, pois Paris tem dois mil anos, Londres tem 2 mil anos, Lisboa tem mais de dois mil anos. A melhora da imagem de Brasília vem da melhora da nossa representação política, as duas coisas estão muito lincadas, muito próximas, mas eu acho que aqui a mudança já começou, já tem gente presa, é uma coisa lenta, mas já começou. E isso é algo que gera um conflito, e isso é bom, pois gera poesia. A poesia é sempre uma tentativa de resolução de um conflito. Então meu conflito com a cidade foi muito grande. Hoje é menor. Já estou mais adaptado. Mas quando eu cheguei eu falei: “Essa cidade não vai me matar. Não vai me devorar. Eu vou dialogar com ela.” E comecei a escrever, e hoje tenho um diálogo. Escrevo sobre a cidade. Fiz 600 livros sobre Brasília, sobre fauna, flora, arquitetura. Então ando muito pela cidade, observo. Cidade novíssima, estamos aqui no começo, então é uma cidade que tem sede de história, sede de mito. Eu escrevi um livro chamado Brasília, onde eu transformei o lago Paranoá no mar mediterrâneo e trouxe a guerra de Troia para Brasília. Quando eu cheguei, as pessoas falavam: “Aqui você vai trabalhar, aqui você vai estudar”. Aquela setorização. E eu falei: “Não. Eu vou participar dessa história, também sou candango.” Somos to-

dos candangos, pois a construção de Brasília não parou. Nós estamos construindo a cidade. Se não fosse pelo tombamento, que está fazendo 30 anos, Brasília, o plano piloto, seria uma Aguas Claras, teria sido descaracterizado pela força da especulação imobiliária. As pessoas reclamam, querem o título, mas não querem pagar o preço. Única cidade construída no século passado que foi considerada patrimônio cultural da humanidade. Graças à luta do José Aparecido de Oliveira. O José Aparecido levou Oscar Niemeyer para Ceilândia. A única obra do Oscar Niemeyer fora do plano piloto foi a Casa do Cantador em Ceilândia.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Quais lugares de Brasília que não estão nos roteiros turísticos que você tem orgulho e gosta de frequentar?

NICOLAS BEHR:

Eu gosto da feira permanente de Ceilândia, de ir almoçar lá, pois Caruaru está muito longe. Da super-quadra, eu também gosto, que é turística. A super-quadra é uma invenção brasileira, a única construção coletiva no mundo que não virou cortiço, Em Cracóvia, fizeram um bloco para cinco mil pessoas, aquela coisa pesada, que virou um cortiço, decaiu. Então, porque que as nossas super-quadras são vivas? Pilotis, baixa densidade populacional e árvores, muitas arvores.

Gosto da Água Mineral, vou à Torre, vou ao Beirute, à Igreja, Vale do amanhe-

cer, praça do DI, praça do Bicalho. Mas aqui o turístico tem o problema de não ter placa, não ter sinalização, lugar sujo fechado, abandonado, é triste.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Você é uma das poucas pessoas que fez a ode da árvore torta do cerrado como elemento de beleza. Como você vê o desempenho do paisagismo hoje?

NICOLAS BEHR:

Eu vim do cerrado e fui pro cerrado. Eu nasci em Cuiabá, morei em uma região que antes era cerrado, hoje é destruído, é soja, e eu sempre me identifiquei com a beleza do cerrado, pois é uma beleza sofrida. Eu acho que as pessoas não gostam muito do cerrado, pois querem se identificar com uma árvore retilínea, uma palmeira imperial, um eucalipto. Essas árvores sofridas, eu sou muito atraído por elas, pois elas são um milagre, estão em um solo pobre e com esse regime de seca. Então eu fiz aquele poema do “Nem tudo que é torto é errado, veja as pernas do Garrincha as pernas do Cerrado”. O cerrado é o nosso ecossistema mais ameaçado depois da mata atlântica, caixa d’água do Brasil. Poucas pessoas sabem, mas nossas hidrelétricas estão em bacias que nascem no cerrado. Todas nascem no cerrado – a do Prato, a da Amazônia e do São Francisco. E Brasília está onde está, pois é bem no centro das três nascentes, mas isso é outra história. Uma coisa que a gente vê e viu no paisagismo, no começo de Brasília, era muito tentativa e erro e demorou

20 anos para chegar ao óbvio: “O que vai bem em Brasília? As plantas nativas do cerrado”. Então Brasília, aos poucos, vem se reconciliando com a flora nativa. É interessante como o paisagismo da cidade veio em ondas. Teve a onda da Sibipiruna, aí depois a onda do Cambuí. E hoje estamos em uma onda muito diluída, mas há uns 20/30 anos atrás, era a onda do ipê. O ipê foi uma onda, e com ele vieram várias outras plantas nativas, apesar de eu achar que planta não tem passaporte, tem muita planta exótica aqui que se deu muito bem, tem muita planta brasileira que foi para o exterior também. O uso de nativas no paisagismo ainda é bem pequeno, pois nós somos regidos por uma lei da oferta e procura, e tem muitas espécies do cerrado que tem um potencial enorme. Mas eu acho que aos poucos as nativas vão ocupando seu espaço, pois as nativas não precisam de tanta água, não precisam de tanto adubo, elas são adaptadas ao nosso clima seco, ao nosso solo. As pessoas aos poucos vão descobrindo o que a novacap demorou 20 anos pra descobrir, o que vai bem em Brasília, o que é de Brasília.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Eu acho que tem um extrato herbáceo e arbóreo que ainda deve ser muito explorado. Como você vê a questão da crise hídrica?

NICOLAS BEHR:

A crise hídrica tem umas coisas muito interessantes. A consciência ecológica de verdade, não esse bla bla bla que tem

por aí. Não temos um grande rio, e essas nascentes, com a urbanização, foram soterradas, então nossa disponibilidade de água caiu, mas eu acho que essa crise hídrica vai trazer uma consciência ecológica real. As pessoas vão economizar água, vão buscar proteger as nascentes, não poluir. Eu faço aqui um movimento ecológico que é o uso de matéria orgânica. Quanto mais matéria orgânica no seu solo, menos água, pois a matéria orgânica é uma esponja da terra, a disponibilidade de água ali vai ser muito maior por muito mais tempo.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Fale um pouco sobre sua bibliografia.

NICOLAS BEHR:

Tenho 7 livros sobre Brasília, e está vindo mais, só que eu tenho medo de virar plagiador de mim mesmo. A coisa ficar muito diluída, pois tem que ter originalidade e criação, e apesar que Brasília é uma folha em branco. Se escreveu muito pouco sobre Brasília, quase nada. Em comparação com as outras cidades. E isso é muito bom, pois aqui não tem o peso da contradição poética. Brasília vem sempre me inspirando. Me perguntam: “o que te inspira?” Tudo! estou sempre andando pela cidade. Hoje a tarde vou ao setor comercial sul, vou ver se dá tempo de ir à rodoviária, tomar um caldo de cana e comer um pastel que eu gosto. Está havendo um movimento de redescobrimento de Brasília. O mercado sul é um exemplo clássico, de revitalização de uma área abandonada.

da, marginalizada, por um pessoal que ocupa e revitaliza.

Os livros são de edição minha, de autor. Eu escrevo e uma gráfica imprime, lá em Taguatinga, o que é bom, pois eu sempre tenho que ir em Taguatinga. Eu comercializo, eu não tenho problema nenhum em vender meus livros, e eles estão disponíveis no meu site, www.nicolasbehr.com.br, mas eu gosto muito do livro físico, pois essas coisas na net são deletáveis, o livro não tem como deletar. O blog, o site, se dá um “pau”, você perde tudo. Então eu sempre imprimo, eu ainda gosto do impresso, gosto do tátil e sensorial. O livro tem seu lugar, nunca vai se extinguir. Claro, que nós estamos produzindo tanta informação que não dá mais para fazer em livro, então se faz em virtual, como a revista de vocês.

Eu tenho produções sobre Brasília, sobre a infância, Cuiabá onde eu cresci. Eu gosto de sair um pouco dessa coisa de Brasília, me descontaminar um pouco, mas eu sempre volto. As pessoas me perguntam porque eu escrevo tanto sobre Brasília, eu vou dizer, é uma resposta meio besta, mas é fácil, eu acho fácil, espontâneo, natural, pois eu vivo a cidade e gosto da cidade, quero compartilhar o que eu sinto, pois a cidade me rejeitou muito no começo, aí depois cidade acabou me aceitando, então é um movimento interessante esse, de rejeição e aceitação.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Se tivéssemos que imaginar uma vida, uma dinâmica, para irmos ocupando os espaços de Brasília, como poderíamos fazer isso através da poesia, do paisagismo?

NICOLAS BEHR:

Eu vou falar uma coisa que soa tão ingênua, mas é o amor né. No setor comercial sul, nós queremos fazer algo que envolva os comerciantes, os lojistas, os funcionários, que eles iriam cuidar, pois plantas, são desestressantes. Eu sou uma pessoa estressada, não parece, mas as plantas me educaram. Um lojista, no setor comercial plantou cinco palmeiras, e os funcionários disputavam quem iria lá molhar. Quando você cuida da planta, você desestressa, você se conecta com seu natural, sua essência. Eu tenho várias teorias, do porquê das plantas serem tão importantes na nossa vida.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

E enquanto viveirista e poeta, como é regar essa cidade com plantas?

NICOLAS BEHR:

Eu acho que humanizar essa maquete é o nosso grande objetivo. Que não é tão maquete ainda, mas ainda tem seu pedacinho de maquete. Eu acho que a arte, as plantas, as pessoas, as intervenções, vão tornando Brasília uma cidade orgânica, uma cidade habitável. As árvores tornam Brasília habitável. No início morriam

muitas árvores exóticas, aí falavam: “Nem árvore vai para aquele lugar. Vamos voltar para a capital, pro rio de janeiro”. Aí alguém disse que nós teríamos as ruínas mais bonitas do mundo. Eu acho que esse movimento vai e volta, fluxo e refluxo. Tem gente querendo ocupar, tem gente querendo fazer coisas pontuais aqui e ali que vão dando certo. Mas eu acho que é isso, o amor, o cuidar, gostar do lugar que você mora. Pois plantas são qualidade de vida, você morando em um lugar mais bem cuidado, vai ficar menos agressivo, menos violento, menos frustrado, mais feliz, aí a convivência social melhora. A planta melhora a consciência social, pois o indivíduo fala “eu estou morando em um lugar bonito”. Por que as pessoas gostam de ter jardim? As pessoas precisam ter contato com o ambiente selvagem, nem que seja uma samabaiazinha na sua varanda. O verde, as plantas, estão muito presente para melhorar nossa psique, nosso equilíbrio.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Que mensagem você deixaria para os futuros jardineiros e paisagistas?

NICOLAS BEHR:

Quando você faz um jardim, você privilegia umas espécies e substitui ecossistemas. Tira o cerrado e coloca outra coisa. Muitas vezes sua intervenção deve ser mínima ali. A natureza já fez seu jardim, então você só vai contribuir, não é melhorar. Se os paisagistas incorporarem o que já tem, seria melhor. Pois algumas vezes o

cara passa o trator direto. Mas isso está mudando, as pessoas estão considerando. Então o que eu diria é aproveitar o que a natureza já nos deu e acoplar com a natureza. Pois você adquire uma área e aí plantas flores exóticas, que muitas vezes nem vai nascer bem. Mas isso já começou, muito timidamente, essa reconciliação do homem com a natureza, por necessidade mesmo. Tem aquela história, “natureza não se defende, ela se vinga”, então é a mudança climática, etc. Nós temos que repensar nossos hábitos de consumo, nossa presença no planeta. Essa coisa da água é uma forma de pensar. O que aconteceu com a água? O que aconteceu com as matas ciliares? O que aconteceu com as nascentes? É um movimento que está começando de fato, não aquele bla bla bla, do politicamente correto.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

E para os nossos alunos? O que você tem a dizer?

NICOLAS BEHR:

Arquitetos em geral, nós vamos viver em um planeta mais quente. Então é hora de pensar muito em conforto ambiental. Pois somos seres adaptados a essas condições. A preservação da vida na terra vai depender muito das nossas ações, e os arquitetos têm um papel fundamental, pois as pessoas querem morar em um local ambientalmente confortável, então como usar a criatividade para se adaptar ao planeta mais quente?

“Eu acho que a arte,
as plantas, as pessoas,
as intervenções, vão
tornando Brasília uma
cidade orgânica, uma
cidade habitável.”

Nicolas Behr